



Rio de Janeiro, 18 de abril de 1978.

Meu caro Francisco Azevedo,

Acabo de lê-lo. E me sinto constrangido, em face do seu testemunho - aquela página final, aquela confissão, que, afinal de contas, com toda a sinceridade, me exclui do circuito.

E exclui duplamente: primeiro, porque você, fingida (Fernando Pessoa) ou sincera e referencialmente, de fato acha que não deve depender de opinião alheia - e neste caso eu me pergunto a que vim, nisso tudo; segundo, porque você, ele, eu, nós todos sabemos que a ninguém cabe dizer do mérito do que outrem criou cren-do que valia a pena o que criava... Quero dizer que os erros de julgamento, as impercepções, as incapacidades de compreender, sentir e ver e ouvir estão na história de milhares de artistas antes da posteridade. E eu, apesar de minha vetustez, nada tendo ainda com a posteridade (a rigor, meu tempo é mais presente e urgente, pode ser futuro, mas não aspira a ser pósteros: o futuro pertence aos outros).

Isso tudo vem a propósito do seguinte: devo a mim mesmo a obrigação de fazer-lhe uma confidência, que segue.

Quase todas as opiniões que expandi, ao longo da vida, foram sinceras: o quase também o é - pois fui alguma vez contingente; terei poupado, por pena, por amizade, sei lá mais o que. Sei: agora mesmo um poeta vai seguramente extorquir-me o que no fundo não acho, apenas porque tenho de ser coerente: votei nele, como o melhor, numa conjuntura em que todos os concorrentes, salvo ele, eram muito ruins.

Ora, para com você estou em situação de total li-



berdade: o fato de eu ter sido da casa a que você pertence não nos liga; o fato de termos amigos ou conhecidos comuns não nos liga; e o fato de você "confessar" o que confessou no seu texto também não me obriga.

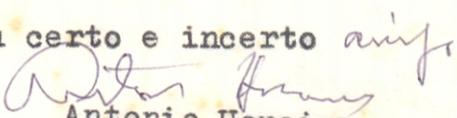
Um fato há, porém, que me obriga: li o seu texto e sobre ele tenho minha opinião. Devo ou não devo dá-la, sabendo de antemão que, se negativa, você não a aceitará e, se positiva, você simplesmente achará que é como devia. Por que não ficarmos, então, no "é como devia"? Mas não vamos ficar.

Seu texto, para mim, me perturbou, porque pode ser que apresente certos elementos novos que não pude assimilar; porque tem para mim por vezes uma pieguice e autopicidade por demais egocêntrica, e porque às vezes se desequilibra em densidade. Muito bem: esses são os defeitos. E as qualidades? Seu texto é sincero, é leal, é, não raro, rico de perspectivas e, sempre, honesto. Mas são, essas, qualidades que bastem para ser publicado? Se você não o publicar - terá sempre o malogro antecipado dentro de você; se o publicar - terá o malogro subsequente, incomparavelmente mais fecundo e mais humanizador: esse segundo malogro lhe dará a chave de por que a poesia está sendo abandonada neste mundo para os que presumem criá-la; e lhe dará, de outro, o choque da autocrítica, de como - apesar de tudo - tentar mais. E lhe dará - talvez - a pior das chaves, a do arrependimento.

Mas por que lhe disse eu, lhe digo <sup>em</sup> todas essas coisas óbvias. Porque, de fato, eu me identifiquei muitas vezes com seu poema, duvidando sempre de você e de mim - e só isso já <sup>é</sup> algo relevante, se se repetir <sup>em</sup> entre cada um de seus eventuais futuros leitores.

Perdoe-me se o feri no mais mínimo que seja: minha intenção foi exatamente a oposta. Como, porém, tranquilizá-me quanto a isso?

Vai o abraço amigo do seu certo e incerto <sup>amigo</sup>

  
Antonio Houaiss